



# Esculápio

vol 13 (1) jan/fev 2014

ORGÃO OFICIAL DA ACADEMIA BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA

## Encontro da ABR em Recife

O trigésimo Congresso da SBR 2013 foi realizado em Recife sob a égide dos 3 “X”. A presidente do Congresso, Ângela Pinto Duarte, que também é acadêmica da ABR, lembrou que essas letras simbolizam o cromossoma das três mulheres que batalharam para a realização desse evento, ou seja, ela própria, a diretora científica do evento e a presidente da Sociedade Pernambucana de Reumatologia.

Pela primeira vez um Congresso da SBR deu espaço para que duas atividades da ABR fossem incluídas no programa geral do Congresso, uma reunião plenária da ABR e uma mesa redonda que incluiu a exposição dos temas: *Biossimilares no Brasil* – acadêmico Marco Antônio R. Loures (PR); *Ética da Indústria Farmacêutica e a Reumatologia* – acadêmico José Marques (SP) e *Médicos Estrangeiros na Saúde Pública do Brasil* – acadêmico João Carlos Brenol (RS).

No Monumental Centro de Convenções de Recife foi realizada a cerimônia de Abertura com a apresentação cultural dos Leões do Maracatu que continuaram a apresentação no coquetel inaugural. Na mesa da sessão inaugural o Prof. Dr. William H. Chahade, ex-presidente da ABR, foi homenageado como presidente honorário desse Congresso pela acolhida que sempre deu aos residentes originários de Pernambuco que passaram a frequentar o seu Serviço no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

Na plenária da ABR presidida por João F. Marques Neto foi prestada uma homenagem, com a oferta de uma placa de prata, aos acadêmicos que inauguraram serviços de Reumatologia na região Norte/Nordeste dadas aos próprios e/ou seus familiares.

O Prof. Samara, ex-presidente da ABR, fez uma emocionante digressão sobre o Prof. Geraldo Rodrigues de Freitas que está nas páginas do site da academia. O Prof. Geraldo trouxe o Congresso da SBR para Recife, em 1970, e depois o Congresso da Panlar, em 1990, além de ter sempre uma fraterna amizade com o orador. Também foram homenageados Lipe Goldstein pela cátedra da Bahia, Geraldo Gonçalves pela cátedra do Ceará e Silvino Chaves Neto pela cátedra do Rio Grande do Norte. Todos já acadêmicos eméritos. O presidente João Francisco e o diretor de eventos Aloysio Fellet deram posse às novas acadêmicas Rejane Leal Araújo e Maria de Fátima Lobato Sauma (foto acima), que fizeram discursos emocionados contando as origens humildes até alcançarem as respectivas cátedras em Santa Catarina e no Pará. Ao final foi servido o tradicional chá das 17 horas confraternizando todos os presentes.



20 a 23 de Novembro de 2013  
Centro de Convenções de Pernambuco

## Até Campinas

Na reunião plenária da ABR foram apresentadas duas tertúlias acadêmicas: uma pelo Acadêmico e ex-presidente da ABR Roberto Antônio Carneiro, sobre lembranças dos médicos, professores e reumatologistas do Rio de Janeiro que atuaram na SBR e na Academia e o tema “Infecções e Doenças Reumáticas”, pelo Acadêmico Izaias Costa, dando uma visão panorâmica das doenças infecciosas na Reumatologia. A próxima reunião da ABR será em Campinas, em maio de 2014, e, depois, no Congresso SBR, em Belo Horizonte.

## ESCULÁPIO

Orgão Oficial da Academia Brasileira de Reumatologia



### DIRETORIA BIÊNIO 2013-2014

#### PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

#### PRESIDENTE ELEITO

Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro

#### SECRETÁRIO GERAL

Marco Antonio Rocha Loures

#### 2º SECRETÁRIO

José Roberto Provenza

#### TESOUREIROS

1o. Antonio Carlos Ximenes

2o. Lauredo Ventura Bandeira

#### DIRETORIA CIENTÍFICA

##### Coordenadores:

Aloysio J. Fellet

Adil Muhib Samara

##### Membros:

Elizabeth Andrade Tavares (in memoriam)

Helenice Alves Teixeira Gonçalves

José Carlos Almeida Pernambuco

Fernando S. Cavalcanti

Geraldo da Rocha Castelar P. Filho

Wanda Heloísa Rodrigues Ferreira

Paulo Madureira de Pádua

José Marques Filho

#### CONSELHO DELIBERATIVO

##### Membros da Diretoria (ex-Presidentes)

Roberto Carneiro

Aloysio J. Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

Geraldo Gomes de Freitas

Walber Pinto Vieira

#### MEMBROS CONSELHEIROS

Swami J. Guimarães

Elizia Fernandes Lima

Carlos Eduardo Cury

Geraldo Furtado

José Eduardo Gonçalves

#### BOLETIM ACADÊMICO

##### Conselho Editorial

José Knoplich

#### SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

#### Editado Pela Medgraf

(11) 3826-7805

## EDITORIAL

### Prezados amigos e confrades

O ano de 2013, em seus últimos dias, trouxe importantes renovações para a Academia Brasileira de Reumatologia, inaugurando uma nova fase de atuação e harmoniosa integração com a Sociedade Brasileira de Reumatologia, sem que nenhuma delas comprometesse sua identidade e sua missão institucional.

O Congresso Brasileiro de Recife teve sua programação oficial aberta para a primeira mesa-redonda da ABR, onde foram discutidos assuntos de relevância como *Biossimilares no Brasil* (por Marco Rocha Loures), *Ética, o reumatologista e a indústria farmacêutica* (por José Marques Filho) e *Interferência de médicos estrangeiros no atual programa de saúde pública do Brasil* (por João Carlos Tavares Brenol), com extremo êxito. Deste modo a ABR inicia uma atuação mais incisiva dentro de sua importância institucional, procurando desenvolver sua missão de orientação dentro de temas polêmicos da moderna medicina Brasileira.

Também já foram efetivados contatos com a presidência do Congresso Brasileiro de Reumatologia de 2014 em Belo Horizonte, e o mesmo para o Congresso de Curitiba em 2015, para que também a ABR compartilhe com a SBR um espaço integrado para discussões mais amplas sobre a evolução destes e de outros temas de igual relevância, usualmente não contemplados na programação científica de nossos Congressos.

O ano de 2014 deverá também se notabilizar pela publicação de uma coletânea de textos da lavra dos acadêmicos, que estarão abordando assuntos como história da medicina, evolução da Reumatologia no Brasil, perspectivas futuras, ensino da Reumatologia no Brasil, residência médica em Reumatologia, assistên-

cia médica e responsabilidade civil, ética, reflexões sobre as atuais medidas governamentais propostas para a assistência médica pública atual no Brasil. Esses textos deverão ser encaminhados à presidência da ABR, impreterivelmente, até 30 de março de 2014 ([jfmarquesneto@uol.com.br](mailto:jfmarquesneto@uol.com.br)).

Também no Congresso Brasileiro de 2014 na tertúlia da ABR estarão sendo empossados os novos Acadêmicos: Benedito José de Sampaio, José Geraldo Troiano Filho e Fernando Sérgio Lira Neto. O orador oficial será o Acadêmico Antônio Carlos Althoff, desenvolvendo o tema *Sobre o amor*.

Estamos empenhando todos os nossos esforços para que na segunda semana de maio de 2014 possamos realizar o **II Encontro da Academia Brasileira de Reumatologia**, em Campinas (SP), para o qual já solicitamos a todos os interessados que reservem essa data.

O **Esculápio**, continuando sob a editoria do Acadêmico José Knoplich, será doravante distribuído virtualmente a todos os sócios da SBR e também a todos os acadêmicos, sendo os PDFs enviados pela secretaria geral da SBR.

Por fim desejo agradecer fraternalmente aos meus diretores desta gestão da ABR, Antônio Carlos Ximenes, José Roberto Provenza, Marco Antônio Rocha Loures, Lauredo Bandeira Ventura, Adil Muhib Samara e Aloysio Fellet, que muito contribuíram para que a ABR continuasse viva e em plena ebulição no ano de 2013.

João Francisco Marques Neto  
Presidente da ABR



## XIII FIATE (Fórum Interuniversitário de Reumatologia)

A Academia Brasileira de Reumatologia, o Departamento de Reumatologia da Sociedade de Medicina e Cirurgia e o Projeto EDUCOST (Educação Continuada em Doenças Osteoarticulares e Osteometabólicas) realizarão, nos dias 10 e 11 de maio de 2014, o **XIII FIATE (Fórum Interuniversitário de Reumatologia)** e o **II Encontro Nacional da Academia Brasileira de Reumatologia** em Campinas (SP), no Hotel Meliá Trip (Rua Severo Penteadado, 190 – Cambuí).

Trata-se, tradicionalmente, de uma reunião dos mais conceituados professores de Reumatologia do país, que nesse período estarão discutindo as principais diretrizes da renovação conceitual dos temas mais atuais da Reumatologia Brasileira.

# Atualização aberta em Reumatologia. Quem se habilita?

Provavelmente não existe ainda um curso MOOC em Reumatologia. Uma boa sugestão para a SBR ou para ABR seria fazer um desses para clínicos gerais ou para a equipe de Saúde, fisioterapeutas, psicólogos, enfermeiros, médicos cubanos e outros estrangeiros. MOOC é um Curso Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (MOOC), ou seja, é um tipo de curso através da web e/ou redes sociais que visa oferecer para um grande número de alunos a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, num processo de co-produção com as Universidades ou Cátedras de Reumatologia.

MOOC é um desenvolvimento recente na área de educação a distância, e uma progressão dos ideais de educação aberta sugerido pelo REA – Recursos Educacionais Abertos. Embora o projeto e participação em um MOOC pode ser semelhante ao de um curso em uma faculdade ou universidade, o MOOC normalmente não exige pré-requisitos, mas, também não oferece certificados de participação. Talvez no futuro possa haver validação por uma Universidade através de uma avaliação presencial.

O MOOC tem como raízes o movimento dos Recursos Educacionais Abertos e do Conectivismo. Mais recentemente, uma série de projetos de MOOC têm surgido de forma independente, como Coursera, Udacity, e EDX1. O investimento financeiro, de forma significativa, em 2012, que as instituições aplicaram nesses projetos ajudou a ganhar a atenção do grande público para o MOOC chegando a ser tema do New York Times, em novembro de 2012. Cogita-se que esses projetos MOOC objetivam fazer experimentos para transformar os atuais cursos do tipo e-learning em mais escaláveis, sustentáveis e rentáveis.

No Brasil, a primeira iniciativa MOOC foi lançada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) em 14 de junho de 2012 com o nome Unesp Aberta e hospedado no endereço [www.unesp.br/unespaberta](http://www.unesp.br/unespaberta). A plataforma disponibiliza gratuitamente os conteúdos e materiais didáticos dos cursos de graduação, pós-graduação e extensão da Universidade, e laborados em formato digital em parceria com o Núcleo de Educação a Distância da Universidade (NEaD) para qualquer pessoa com acesso a Internet no Brasil e no

mundo. Estes materiais são organizados em cursos completos e livres, sem certificação ou assessoria pedagógica, e estão divididos em áreas do conhecimento e temas abordados. Os 70 cursos disponíveis possuem conteúdos como videoaulas, textos, atividades, animações, apostilas e softwares educacionais de disciplinas das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas, que estão hospedados no Acervo Digital da Unesp. A Unesp Aberta reúne, também, 196 e-books do selo Cultura Acadêmica (iniciativa da Editora Unesp e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp) e o acervo da biblioteca digital, que agrupa materiais pertencentes aos centros de documentação da Universidade e do sistema de bibliotecas. Mais de 37.400 pessoas já se inscreveram para realizar um destes cursos e a plataforma já foi visualizada mais de 1 milhão e 600 mil vezes.

O primeiro MOOC em língua portuguesa foi o MOOC EaD, sobre Educação a Distância, coordenado pelos professores brasileiro João Mattar e português Paulo Simões com o apoio do TIDD – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância, realizado no segundo semestre de 2012, mas, que não ofereceu certificação. De abril a junho de 2013, João Mattar coordenou o MOOC LP (Língua Portuguesa), que teve 5.100 inscritos e certificação emitida pela ABMES – Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior.

Em seguida, foram lançados MOOCs com certificação pela Universidade de São Paulo (USP) em junho de 2013 em parceria com o portal brasileiro Veduca com dois cursos MOOC: Física Básica, do professor Vanderlei Salvador Bagnato, e Probabilidade e Estatística, dos professores Melvin Cymbalista e André Leme Fleury. Qualquer pessoa com acesso à internet pode fazer os cursos pelo site [www.veduca.com.br](http://www.veduca.com.br). Os estudantes que desejarem obter um certificado precisam fazer uma prova presencial. Nas duas primeiras semanas desde o lançamento, que aconteceu na Escola Politécnica da USP, no dia 12 de junho de 2013, os dois cursos receberam inscrições de mais de 10.000 estudantes.

## Veja os médicos no Canadá

Segundo o Instituto Canadense de Saúde, o Canadá teve 75.142 médicos registrados, que trabalharam no ano de 2012, representando um aumento de 4 por cento, em relação a 2011 e, receberam US \$ 22 bilhões pelos serviços cerca de 9 por cento mais que no ano anterior. O número de médicos no Canadá e o montante que é pago pelos planos de saúde do governo bateram recordes em cada um dos últimos anos e 2012 não foi diferente. O número de médicos per capita subiu em 2012, pelo sexto ano consecutivo, superando em três vezes o crescimento da população resultando em 214 médicos para cada 100.000 canadenses. Esse número deverá aumentar à medida que o país continue a atrair médicos formados no estrangeiro e que as escolas médicas

canadenses continuem a despejar um número recorde de graduados.

O crescimento no número de médicos foi mais alto nas áreas rurais, onde as queixas sobre a escassez e acesso a cuidados têm sido historicamente mais pronunciadas. Nos últimos cinco anos, o número de médicos que trabalham no Canadá rural aumentou cinco vezes mais rápido do que a população nacional. Mas, o número de médicos no Canadá rural não foi proporcional à população, enquanto 18 por cento dos canadenses, ou cerca de seis milhões de pessoas, vivem em comunidades rurais, apenas 8,5 por cento dos médicos do país servem essas pessoas.

Statistics Canada, Nov. 2013.

# Educação Básica no Mundo e no Brasil

Saiu publicado o resultado, no início de dezembro de 2013, da aplicação de um teste chamado de Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Esse teste internacional avalia alunos de 15 e 16 anos em leitura e entendimento de texto, em matemática e em ciências (nessa área trata-se da interpretação de um gráfico). Os países que participam do exame são somente 65, em todo o mundo. Ficamos na 55ª posição em leitura, 58ª em matemática e 59ª em ciência. Esse teste começou a ser aplicado em 2003. Nesse período de uma década até 2013, o Brasil melhorou a posição em matemática, na ordem de 10%. Nesse ritmo, levaremos 26 anos para atingir a média dos países ricos e 57 para alcançar os chineses. Isso, é claro, no falso pressuposto de que os outros ficarão parados. Em leitura e ciência, a evolução do Brasil foi quase nula.

Os quatro países colocados nos primeiros lugares que foram China, Hong Kong, Cingapura e Coreia do Sul, os quais estão colhendo dividendos de seus investimentos na área da educação, por considerá-la decisiva para o desenvolvimento econômico da região. No Chile, que ficou em 51.º lugar em matemática e em 46.º em ciências, as autoridades educacionais pediram desculpas aos estudantes.

A seguir depois dos países asiáticos vem Finlândia e a Alemanha, que ocuparam as primeiras posições nas edições anteriores do Pisa cuja perda da liderança para os países asiáticos deflagrou acirradas polêmicas. As autoridades não esconderam o temor de que os resultados negativos do Pisa afetem o desenvolvimento futuro dos dois países. O mesmo ocorreu nos Estados Unidos, cujos estudantes ficaram abaixo da média alcançada pelos países desenvolvidos. A maior economia do planeta não conseguiu ficar nem mesmo entre os 20 primeiros lugares no ranking de matemática e ciência. Pedagogos americanos lembraram que os estudantes dos países orientais se destacaram não só em matemática e ciências, mas, igualmente, em leitura. E também conseguiram aplicar as informações aprendidas em sala de aula, usando o conhecimento com criatividade para lidar com problemas cotidianos.

Jornais americanos lembraram que essa habilidade era, até agora, associada ao modelo de ensino do Ocidente. Mostraram que os países

asiáticos estabeleceram metas altas para sua rede escolar e indicaram os melhores professores para as salas de aula mais desafiadoras e os diretores mais competentes para as escolas mais problemáticas. Em editoriais os jornais advertiram que os Estados Unidos estão correndo o risco de perder a liderança mundial no campo científico.

No Brasil, as reações foram diferentes. Preocupada com as dificuldades que os adolescentes terão para absorver tecnologia quando entrarem no mercado de trabalho, a Confederação Nacional da Indústria advertiu para o risco de perda de produtividade e competitividade do país por causa da má qualidade do ensino básico. Já o ministro da Educação, relevando o 58.º lugar ocupado pelo Brasil entre os 65 países, converteu o aumento da média dos estudantes brasileiros em matemática – de 356 pontos, no Pisa de 2003, para 391 pontos, em 2012 – em motivo de ufanismo. Mas não há motivo para euforia. O avanço brasileiro partiu de um patamar muito baixo. Como comemorar os pontos ganhos no Pisa de 2012, se o aumento na pontuação se deu com maior força entre os piores alunos, cuja nota média em 2003 equivalia a zero e hoje, dez anos depois, esse mesmo grupo ainda não é capaz de ler uma única informação em um gráfico de barras? É que apenas 0,8% dos estudantes brasileiros teve notas compatíveis com os níveis 5 e 6 da escala do Pisa, que identificam as competências para resolver questões mais complexas. Mas, 70% dos participantes brasileiros do Pisa de 2012 não ultrapassaram o nível 1 da escala de habilidade em matemática, que identifica a capacidade de resolver questões simples. Esses alunos não sabem, por exemplo, usar informações de uma tabela ou gráfico para calcular uma média ou tendência.

A prosperidade dos indivíduos, o sucesso das empresas e a riqueza das nações dependem dos investimentos em educação. A reação de muitos países desenvolvidos à sua queda no ranking do Pisa de 2012 mostra que eles sabem disso e que tomarão providências urgentes para voltar a disputar a liderança com os países orientais nas próximas edições do Pisa. Já no Brasil, onde a educação tem sido entregue a políticos profissionais, reações ufanistas dificilmente conseguirão levar essa área estratégica a dar um salto de qualidade.

## O britânico THE e Universidades brasileiras

Há quatro universidades brasileiras entre as cem melhores dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e de outros 17 países emergentes. Mas, nenhuma delas está no topo da lista.

A análise, que é a primeira desse tipo, foi divulgada no início de dezembro de 2013, pelo site britânico THE (Times Higher Education), que também elabora o principal ranking de universidades do mundo.

A USP aparece em 11º lugar na lista. Antes dela, há instituições da China, da África do Sul, de Taiwan, da Turquia e da Rússia.

A avaliação mostra que é fundamental ensinar em inglês, analisa o físico da Unicamp e especialista em ensino superior Leandro Tessler.

Todas as top 10 ensinam em inglês. A primeira da lista que não ensina em inglês oficialmente é a USP.

Além da USP, também aparecem no ranking as brasileiras

Unicamp (em 24º lugar), a UFRJ (60º) e a Unesp (87º). A China, que lidera a classificação, tem 23 universidades listadas, quatro delas entre as dez melhores.

De acordo com Langdon, do THE, os 22 países analisados têm investido grande quantidade de recursos públicos em ensino superior.

“Decidimos fazer uma análise específica de emergentes porque sabemos que o investimento em universidades faz parte da estratégia desses países” – diz Langdon.

Muitas dessas instituições não ficam visíveis nos rankings internacionais. É o caso do Brasil: o país desapareceu da lista do THE de 200 melhores universidades do mundo, neste ano.

No ano passado, a USP, única que figurava na lista, ocupava o 158º lugar na classificação mundial de escolas.

# Avaliação do ensino Universitário pelo MEC

Um grupo de 370 instituições de ensino, entre universidades, centros universitários e faculdades isoladas, obteve conceitos insatisfatórios no sistema de avaliação do Ministério da Educação (MEC), em 2013. Desse total, 60 delas que repetiram as notas ruins desde o ciclo anterior, ficarão proibidas de abrir vagas e cursos, criar campus ou polos de educação digital. Outras 23 faculdades, todas privadas, foram classificadas como “tendência descendente” e estão ainda piores, em 2013, do que no ciclo anterior de avaliação, em 2009, e, além das medidas anteriores, não poderão reaver os direitos antes de completar todas as medidas determinadas pelo MEC de melhorias nos sistemas.

Um total de 37 instituições foram classificadas como ascendentes e poderão retomar os direitos ao longo de 2014, se o MEC considerar que o esforço feito para cumprir as medidas é suficiente. Entre elas, há uma universidade municipal. O restante do grupo é formado também por faculdades privadas.

A avaliação das instituições é feita pela soma dos conceitos de cada curso, agrupados no Índice Geral de Cursos (IGC). Este ano, entre as 370 instituições que tiveram resultados ruins, 28 são públicas.

Entre elas, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFF) Farroupilha (RS) e do Pará (IFPA).

Por outro lado, apenas 23 instituições conseguiram ser classificadas no IGC 5, o mais alto. São elas nove universidades – todas públicas – e 14 faculdades isoladas. A melhor do país nessa área de humanidades, avaliada em 2012, é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A melhor faculdade, a Escola de Economia de São Paulo (Eesp), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Infelizmente, não será muito fácil mudar o quadro, mesmo que o governo acene com os recursos do pré-sal para melhorá-lo. É claro que mais dinheiro ajuda, mas, está longe de ser uma garantia de sucesso. Na verdade, o sistema é hoje tão pouco funcional que jogar mais verbas nele será, acima de tudo, uma ótima maneira de desperdiçá-las.

Alguns especialistas advogam que o caminho passa por estabelecer um currículo detalhado e ensinar o professor exatamente o que ele deve dizer em cada aula aos alunos. Isso seria um sistema massificado, daqueles que inibem a criatividade e outras coisas que os pedagogos criticam muito. Pelos testes o Brasil há muito tempo vem fracassando no ensino básico.

## A Pacata Sociedade Brasileira

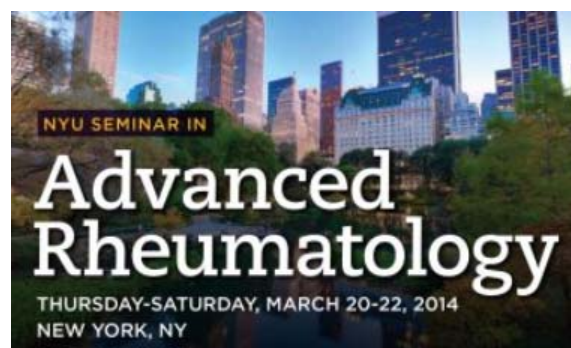
Socialista inveterado, acadêmico prestigiado, parceiro rompido de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, o sociólogo Francisco de Oliveira completou 80 anos, em 07/11/13, sem demonstrar qualquer sinal de afrouxamento da energia crítica. Em entrevista à Folha São Paulo, no seu apartamento, em São Paulo, ele falou com entusiasmo dos protestos de rua de junho de 2013 e, sem rodeios, criticou as principais figuras do atual cenário político.

A sociedade brasileira é muito pacata. É por causa de um complexo de fatores que não é fácil definir. Geralmente aponta-se as raízes escravistas, pois, faz somente 100 anos que o país se libertou do escravismo. Isso deu lugar a uma sociedade que apanha, mas, não reage. Quem melhor estudou isso foi Gilberto Freyre, do ponto de vista saudosista, mas, é quem mais foi fundo nessa espécie de conformismo na sociedade. A interpretação de Sérgio Buarque de Holanda também é boa, e também diz que a sociedade brasileira se conforma. Ao que ele chama do homem cordial, Gilberto tem outro “approach”, pois, ele vai para a cultura. Cultura não no sentido de quem carrega livros, mas, na forma pela qual a sociedade se constroi e se reconhece nela. É basicamente a ideia da casa grande. A casa grande é uma

formação conformista. Tem uma violência que explode a cada momento. E tem um senhor de escravo que é compadre de escravo. É uma formação muito complexa. Muito interessante para um sociólogo estudar, mas, muito pesada para quem sofre os efeitos dessa cultura brasileira. Que não é a portuguesa exatamente, não é a indígena. É um mix de várias fontes. Não tivemos nenhuma grande revolução violenta. A que o Brasil comemora sempre, que é a de 1930, não teve nada de especialmente violenta. Teve os gaúchos saindo do sul, com Getúlio Vargas à frente que lutaram com alguns paulistas, mas, não foi nada violento. Isso marca muito a sociedade brasileira. Havia violência, muita violência, mas, não era uma violência que se tornava pública porque era uma violência de escravos e isso sempre foi abafado. Hoje é uma sociedade urbana, extremamente violenta e que só explode em violência privada. Sobre violência pública, não temos muito que contar. Nesse quesito, o Brasil perde de longe para qualquer outra revolução. A revolução mexicana, por exemplo, foi uma coisa espantosa. Espantou o mundo todo e a cubana também. Mas, o Brasil é isso. Ninguém ama a violência. Mas, isso influi muito no caráter, na formação da sociedade. Mas toda casa brasileira tem uma empregada

doméstica. A empregada doméstica é um ser sem definição. Ela não é pública nem privada. Algum progresso se deu pelo fato de que elas agora pedem carteira assinada. Isso parece nada, mas é muita coisa. Mas, em geral, isso leva a uma situação acomodatória, uma relação de compadre com a comadre. Isso molda a sociedade em geral.

Está na arquitetura brasileira, o quarto de empregada na lavanderia. Não existe algo assim em nenhum outro país no mundo. Na Europa pode ter tido um período, mas, hoje não mais existe. Nos Estados Unidos, tão pouco. O Brasil é muito especial. Criou uma forma de convivência, um processo com muita força que se reproduz mesmo nas sociedades urbanas.



## Indústria Farmacêutica Brasileira e a exportação

A indústria farmacêutica brasileira está em plena expansão no comércio internacional. Os números, em 2013, destas exportações são altamente positivos. Até outubro foram enviados ao exterior US\$ 1,05 bilhão destes produtos para várias partes do mundo.

**Heparina:** em que pesem as dificuldades encontradas pelos produtores nacionais deste importante anticoagulante, as exportações, até outubro de 2013, foram significativas para o nosso comércio exterior, alcançando US\$ 23.926.257,00.

**Virginiamicina:** este antibiótico, além de antibacteriano é muito usado em veterinária como promotor do crescimento em animais. O valor de US\$ 32.816.379,00 deste produto foi enviado para outros países, particularmente o Canadá, em 2013, até outubro.

**Anticoncepcionais:** são produtos farmacêuticos em cuja produção o Brasil se destaca. Em 2013, até outubro, o país exportou US\$ 56.745.706,00 de anticoncepcionais, particularmente para países da América Latina.

O Brazilian Pharma Solutions é o projeto de internacionalização dos setores farmacêutico e farmoquímico brasileiro, desenvolvido pela Abiquifi (Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica e de Insumos Farmacêuticos) e pela Apex-Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos). A iniciativa conta ainda com o apoio de outras entidades setoriais, como Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo), Alanac (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais), Interfarma (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa), Pró Genéricos (Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos) e Abifina (Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina). O objetivo é ampliar a participação das empresas da cadeia produtiva farmacêutica e farmoquímica brasileira no cenário internacional, visando o aumento das exportações, a troca de tecnologia, a atração de investimentos e a internacionalização do setor.

## E a culpa é do médico?

Giovanni Guido Cerri

O Brasil chegou a ser o sexto maior PIB no ranking internacional em 2012, mas ocupa a constrangedora 72ª posição, segundo a Organização Mundial da Saúde, de gasto per capita, em saúde. Argentina, Uruguai e Chile se saem melhor. Cuba gasta mais do que o dobro em despesa pública por habitante. A falta de recursos é o nosso grande problema: países desenvolvidos chegam a gastar 20 vezes mais por habitante do que o Brasil.

E a pergunta que fica, em meio às recentes polêmicas, é: a culpa por esse quadro é do médico? É o médico brasileiro o responsável pela falência do sistema de saúde?

É claro que, como em outras profissões, existem exceções à regra. Profissionais que não têm uma conduta ética adequada ou não são cumpridores de suas responsabilidades. Hoje, em razão da pressão emocional, responsabilidades e excesso de trabalho, mais de 50% dos médicos se queixam da qualidade de vida e apresentam sinais de estresse, depressão e fadiga.

Sou favorável à vinda de médicos estrangeiros, desde que adequadamente formados, para ajudar a atender a nossa população. Aliás, essa sempre foi característica de nosso país: acolher com generosidade os imigrantes que ajudaram a construir o Brasil.

Os médicos que se formam no exterior necessitam, para ter sua formação avaliada e para proteger a população que será por eles atendida, passar por um exame criado pelo governo federal chamado Revalida, essencial para o registro definitivo do diploma. É fundamental que a autorização, concedida recentemente para médicos estrangeiros exercerem medicina sem esse exame, seja uma medida transitória e emergencial.

Não é aceitável ignorar ou menosprezar a maioria dos médicos brasileiros, que atende seus pacientes com empenho, em milhares de cidades, sem muitas vezes contar com a estrutura adequada.

Não são as categorias de profissionais as grandes responsáveis pelos problemas de saúde, transporte, educação e infraestrutura do Brasil. Os nossos problemas crônicos, reflexo de um país com renda per capita e IDH ainda baixos, têm que ser combatidos com muito trabalho, dedicação e gestão.

O país precisa de investimentos e de programas de longo prazo, voltados à educação e à qualificação profissional. Sem desculpas.

*Giovanni Guido Cerri, 60, é diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e presidente do conselho deliberativo do Hospital das Clínicas da mesma faculdade. Foi secretário de Estado da Saúde de São Paulo (2011 a 2013).*



# Obra do sociólogo Max Weber e a corrupção

Seria muita pretensão o “Esculápio”, publicação da Academia Brasileira de Reumatologia, tentar explicar ou analisar o problema da corrupção no Brasil, mas, vale lembrar a obra do sociólogo Max Weber.

No início do século passado, em 1904, o sociólogo alemão Max Weber esteve na América e depois escreveu “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” considerada por alguns, a obra mais importante do século 20, antes totalmente e unicamente lastreada no marxismo e no conceito materialista de luta de classes. Ao contrário de Marx, o autor entendia que as raízes de todas as misérias sociais, longe de ser materialistas, tinham um grande componente espiritual. Dependiam da idealização indivi-

dual de Deus. Deus não perdoava os seres humanos em função de sua vida aqui, na Terra; todos nós já teríamos um destino pré-determinado antes mesmo de nascer e não teríamos nenhuma pista a respeito dele. O único indício sobre esse destino seria o grau de sucesso e prosperidade que viríamos a alcançar em nossos empreendimentos. Os ensinamentos de Weber, extraídos do protestantismo, inspiravam-se em suas vertentes mais radicais, representadas pelas palavras de João Calvino e alastradas pela América. Não por coincidência, foram os seguidores europeus e norte-americanos do teólogo franco-suíço, que lograram alcançar maior êxito na vida.

Segundo Weber, as virtudes associadas

à honestidade, solidariedade, cumprimento fiel da palavra dada, somadas a trabalho duro e a padrões austeros traria uma acumulação de riquezas individuais e a Nação seria próspera e desenvolvida. A ética protestante, ademais, associava-se ao racionalismo na ciência, à jurisprudência, à observação somada à sistematização racional da administração pública. Essa ética ajudava, e muito, esse processo. Qualquer escorregão ético era visto como um sinal evidente de que quem o cometera não estava entre os agraciados com a bênção divina. E isso não só torturava intimamente o pecador, como acarretava consequências sociais terríveis. As mais suaves implicavam o banimento do convívio em sociedade.

## Livros e Jornais – Tigres de Papel

No início dos anos 60, Marshall McLuhan, um professor e intelectual bastante controverso, previu algumas mudanças profundas na forma como as pessoas pensariam e se comunicariam. Uma de suas ideias era de que estávamos entrando em um estado de conectividade que ele chamou de “aldeia global”. Não há dúvida de que muitas de suas previsões se concretizaram na era da internet. No seu livro “A Galáxia de Gutenberg”, analisa a influência da imprensa e dos livros em geral na evolução da cultura e das sensibilidades e emoções individuais. E no segundo livro “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem” previu o declínio do alfabeto (da escrita) e a ascensão da imagem, essencialmente: as pessoas não lerão mais; em vez disso, elas assistirão televisão e verão fotografias ou pinturas.

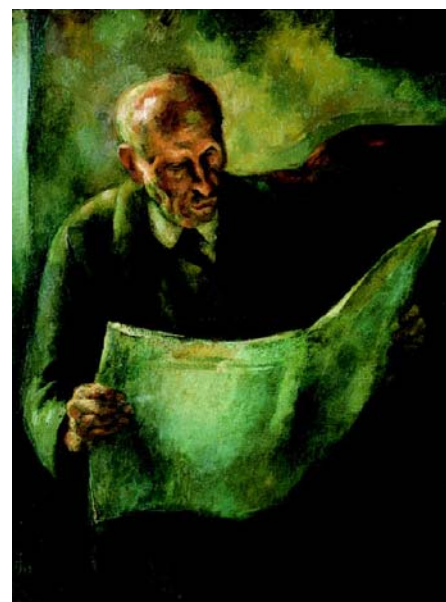
McLuhan morreu em 1980, antes do advento do computador pessoal, que surgiu no mercado de massa, em 1981, quando a IBM introduziu o PC.

Mesmo em um mundo dominado ostensivamente por imagens não se vai muito longe a menos que se saiba ler e escrever. Grande parte da informação que é recebida pela internet, e-mail ou mensagens de texto se baseia na linguagem. O computador certamente se mostrou como um instrumento da aldeia

global, facilitando todo tipo de conexão social (incluindo as religiosas), mas, ele defende, fundamentalmente, a palavra escrita.

Com o advento do livro eletrônico, há mais oportunidades de se ler textos nas telas em vez do papel. Isso levou a uma nova série de profecias sobre o desaparecimento do livro e do jornal impresso. Existem livros que foram impressos há 500 anos e sobreviveram intactos até 2013, enquanto, não se sabe ao certo por quanto tempo os métodos de armazenamento digital durarão. Um computador montado moderno não consegue ler os disquetes dos anos 80. Há muito se proclama o declínio dos jornais impressos, mas, em agosto de 2013, o dono da Amazon Book, comprou o “Washington Post”, e, em 2012, o milionário Warren Buffett adicionou 63 jornais às suas holdings. E parece que certos milionários do Vale do Silício americano também voltaram suas atenções aos jornais.

Está claro que o mundo digital está redescobrimo o papel. É um cálculo de negócios, uma decisão política, um desejo de preservar a imprensa como guardiã da democracia ou algo totalmente diferente? Eu ainda não me sinto pronto para tentar responder essa pergunta. Mas, me parece interessante que, novamente, e, em pouco tempo, no início do século 21, pode-se testemunhar



a derrubada de uma profecia. Talvez Mao Tse Tsung, líder comunista chinês, também estivesse errado quando dizia que a revolução cultural chinesa não passava de tigres de papel sem importância. Mas, pelas novas realidades tigres de papel devem ser levados a sério.

Resumo de um artigo de Umberto Eco. Publicado na Folha de São Paulo, em 16/11/2013.

# Mandela e a AIDS

Adriana Carranca

Makgatho Lewanika Mandela, advogado e pai de quatro filhos, perdeu a luta contra a Aids no dia 6 de janeiro de 2005, aos 54 anos. Naqueles tempos, 5,6 milhões de sul-africanos, portadores do vírus HIV, viviam seu próprio apartheid, segregados ou com medo de serem descobertos.

Durante seu governo, Mandela pouco fez pela Aids – havia outras prioridades que considerava mais urgentes, ele próprio teria confessado mais tarde. Além disso, a Aids era um tabu. Mas, a doença do filho mudou a sua perspectiva e Mandela foi uma das primeiras figuras públicas da África do Sul a admitir a doença na família, o que representou uma guinada na forma como os sul-africanos lidavam com os infectados. O governo já não podia mais ignorar a epidemia à sua porta. Ele se tornou um dos principais ativistas pela universalização do tratamento e distribuição de antirretrovirais.

Das 35,3 milhões de pessoas que vivem com o vírus HIV hoje, 25 milhões estão na África subsaariana. Isso significa que 71% de todos os infectados no mundo vivem na região, embora ela concentre apenas 12% da população mundial. O número de pessoas vivendo com o vírus HIV hoje na África subsaariana – 25 milhões – é o mesmo que a estimativa de africanos feitos escravos ao longo de quatro séculos – como a escravidão, a doença leva predominantemente pessoas em idade ativa, entre 15 e 49 anos. A África do Sul de Mandela ainda concentra o maior número de infectados no mundo (4,3 milhões de pessoas). Tem também o maior programa de distribuição de remédios. Mas há outros problemas que afetam diretamente a letalidade da doença nessa parte do mundo.

Na África subsaariana a falta de estradas dificulta a distribuição dos remédios – em muitos lugares, a impossibilita. Se os recebem, os moradores não têm como conservá-los porque não há energia elétrica na maior parte dos países da região. As longas distâncias e a falta de transporte tornam inviável o acesso diário aos postos de saúde, quando existem. E quando existem, são insuficientes, precários e concentrados nos centros urbanos. Muitos só procuram um médico quando os sintomas já lhes são insuportáveis e, então, é tarde demais. Na África subsaariana não se morre, portanto, disso ou daquilo, mas da falta de tudo – até mesmo de uma chance de ter acesso a um tratamento que está disponível, mas não chega a todos. Morre-se de miséria.

Publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 15/12/13.



## Anais da Academia

A Academia Brasileira de Reumatologia é constituída por membros do mais alto potencial didático e literário, e com uma experiência profissional e de vida inigualável. Periodicamente deveria, como obrigação e até missão institucional, publicar artigos doutrinários ou culturais da lavra dos acadêmicos, compondo ANAIS da ABR a serem distribuídos a todos os sócios da Sociedade Brasileira de Reumatologia, eletronicamente ou como publicação oficial a cada dois congressos brasileiros. Para tanto, já estou recebendo as contribuições dos colegas acadêmicos, para já no Congresso Brasileiro de 2014 editar os ANAIS ABR 2014. É necessário enviar os textos em ARIAL 12 para [jfmarquesneto@uol.com.br](mailto:jfmarquesneto@uol.com.br).

De nada vale adquirir experiência e desenvolvimento espiritual se não repartirmos com os outros essas lições de vida.

Mãos à obra.  
Um afetuoso abraço.

*João Francisco Marques Neto*  
Presidente da ABR

2014  
**OARSI**  
WORLD CONGRESS  
ON OSTEOARTHRITIS

**Paris, France**  
APRIL 24-27, 2014  
The Center of New Industries and Technologies (CNIT)